

# DE RON COBY À CORAGEM DE RASGAR A FANTASIA

Tarik de Souza

Cauby Peixoto, de fato, em inglês era algo impronunciável. Por isso imaginando tornar-se um acabado ídolo hollywoodiano, este niteroiense do bairro Santa Rosa concordou em passar-se por Ron Coby. Gravou um disco nos EUA com a orquestra de Paul Weston, hoje uma raridade. Fez mais uma temporada americana que durou 14 meses, incluindo Los Angeles, Miami, Nova Iorque, a gravação em ritmo de rumba de Maracangalha (I Go) e uma participação no filme Jamboree, da Warner Bros.

Cauby não aconteceu, ao contrário do que fazia prever toda a preparação artística e promocional a que se submetera através de seu empresário vitalício, Di Veras. Fãs pagas para desmaia-rem durante seus programas (que originariam a expressão racista "macacas de auditório"); roupas que se desfaziam ao menor contato das integrantes de sua corte; tumultos de rua, uma histeria semelhante a provocada por Frank Sinatra no tempo das bobby-sockers. Esse Cauby que passou como um furacão na rádio Nacional dos anos 50 povoou de fofocas inúmeras edições da Revista do Rádio e virou livro em 59 (Perfil de Cauby Peixoto, sua Vida, sua arte, seus amores), no estilo glamouroso que sempre envolveu o mito. Comemora 25 anos

de carreira quase aos 30. Na verdade começou a cantar nos coros das igrejas de Niterói, levado pela tia que o criou. Logo depois dos 15 anos frequentava os programas de calouros. Num deles, balconista de sapataria "despedido por admirar as extremidades de uma freguesa", (segundo a biografia assinada por um certo "Flor da Noite"), ficou conhecido como "sambista comerciante."

O samba, no entanto, seria minoritário em seu repertório devotado a versões, boleros e outros dramalhões de aceitação fácil, que impediriam este excelente cantor de se transformar num grande intérprete num prazo tão curto quanto o de seu sucesso. Em agosto de 54, em mais uma manobra hábil do empresário Di Veras, Cauby tomou de assalto o hit-parade, com Conceição. Entrevistado por Simon Khoury, no Pasquim, em 78, ele revelou este ingênuo exemplo de jabaculé precursor e incisivo:

"O Presidente Getúlio Vargas se suicidou e a Rádio Nacional mudou a programação para ficar informando ao público sobre os acontecimentos do dia. O Di Veras levou meu acetato para o contra regra da emissora, deu um dinheiro para ele, de modo que, em cada intervalo das notícias, ele jogasse Conceição no ar. Nesse dia só deu Conceição o tempo todo, para o Brasil inteiro,

e a música naturalmente pegou do dia para a noite".

Assim como seu carro chefe, a história da moça Conceição que tentando a subida desceu, Cauby Peixoto Barros teve altos e baixos, em sua longa trajetória, cuidadosamente omitidos na biografia precoce (o livro, a propósito, não contém uma única data, que pudesse fazer desconfiar dos atuais 45 anos do cantor). Depois de cinco anos de intensa popularidade, até o final dos 50, a aventura americana fez sua legenda diminuir. Inspirado no modelo de Johnny Mathis (referido expressamente no livro), um cantor descoberto numa boate de San Francisco, indicado a poderosa Columbia pela obscura agente Helen Noga, Cauby queria repetir a façanha. Afinal, era a mesma Columbia (hoje CBS) que lhe acenava com um contrato para gravar, apresentar-se na TV, correr o país e chegar até o Canadá.

"Ir para os EUA foi uma das maiores bobagens que fiz na vida", comentaria ele duas décadas depois na sincera entrevista ao Pasquim, onde suas roupas espalhafatosas e o comportamento turbulento para a austera década de 50 são comparadas à postura andrógena levada para os palcos por Ney Matogrosso. Obviamente, Cauby não era tão explícito — e dezenas de edições da Revista do Rádio, além de sua biogra-

fia, cansam de associá-lo a noivas e namoradas. Mas foi sua, inegavelmente, a coragem pioneira de "rasgar a fantasia", inclusive musicalmente, acrescentando uma extroversão inaudita a versões caboclas de Mack The Knife, Granada ou Blue Gardenia, entre outras banhadas de terremotos e agudos acrobáticos.

Dono de boate (comprou o célebre Drink de Djalma Ferreira), vencedor do Festival de San Remo (Zingara, em 1970), Cauby nunca firmou uma linha musical definida. Não constituiu o que se poderia chamar de patrimônio musical, assim como Orlando Silva, Sílvio Caldas, Francisco Alves. Ficou mais para Dalva de Oliveira, sua grande influência — uma cantora que gravou de tudo, bagulho e obra-prima, com a mesma sem cerimônia.

Formação familiar que intercala o samba e o choro do tio Nonô e do primo Cyro Monteiro e o jazz dos irmãos Moacyr (piano) e Araken (piston), Cauby preserva a época do cantor de emissão cuidada, voz bonita e melodiosa, sem no entanto descuidar-se do balanço e do frescor rítmico. Ao contrário, pode-se afirmar paradoxalmente que o maior reparo a ser feito a este cantor que chega agora ao 61º LP refere-se a sua perdulária versatilidade. Com uma boa seleção musical Cauby é imbatível.